



UMA FILIGRANA DE DISCURSO EM NOTÍCIA JORNALÍSTICA SOBRE IMIGRAÇÃO E ALTERIDADE

Rosália Aparecida da Silva

Instituto Federal de Rondônia (IFRO)

E-mail: rosalia.silva@ifro.edu.br

Joely Coelho Santiago

Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

E-mail: joely.santiago@unir.br

RESUMO

Esta proposta objetiva identificar discursos contraditórios apresentados aos leitores de uma chamada virtual para acesso à matéria jornalística completa. O texto online de uma empresa de jornalismo integra um gênero discursivo que a língua em uso traz representação da história narrada pelas mídias, uma vez que toda a língua comporta uma materialidade do processo comunicativo. No caso analisado, há o tratamento de dualidades para questões fronteiriças, enquanto fatos correlatos e similares (acolhida versus retirada). Assim sendo, o meio de comunicação traz uma ideologia à tona como algo naturalizado, inserindo sentidos anteriormente construídos, um já-dito. A mensagem contraditória do interdiscurso presente nas palavras “acolhimento, retirada e ordenamento” remete a sentidos em disputa que se tem para a questão dos imigrantes que chegam às fronteiras brasileiras, no caso, na região de Manaus (AM). A opacidade do discurso constrói memórias e mitos, resultando em imagem negativa ao sujeito em processo migratório. Por meio da teoria de Análise de Discurso, de linha francesa, conforme estudado por Gregolin (2000), a intenção é a de compreender a “incompletude do sujeito” ao mesmo tempo em que há “completude em relação ao outro”. Como apontamentos finais, analisa-se que se há na filigrana do discurso brechas para que a alteridade seja rejeitada, há um mal-estar social que precisa ser desvelado, identificado e explicitado.

Palavras-chave: Discurso; Mídia; Alteridade; Fronteira.

ABSTRACT

This study aims to identify contradictions presented to readers of a virtual call for access to journalistic news. The online text of a journalism company is part of a discursive genre in which the language in use brings representation of the story narrated by the media, since all language includes a materiality of the communicative process. In this case, there is the treatment of dualities for border issues as related and similar facts (welcome versus withdrawal). With this is the means of communication bringing an ideology to the surface as something naturalized, inserting previously constructed meanings, an already said. The contradictory message of the interdiscourse present in the words welcome, withdrawal and order refer to disputed meanings regarding the issue of immigrants arriving in Brazilian borders, in this case, in the Manaus city (Amazonas state). The opacity of discourse builds memories and myths that for the present time has brought damage to the image of the subject in the migratory process. Through the theory of French Discourse Analysis, as studied by Gregolin (2000), the intention is to understand the “incompleteness of the subject” at the same time as there is “completeness in relation to the other”. As final notes, it is analyzed



that if there is in the filigree of discourse gaps for the otherness to be rejected, there is a social malaise that needs to be unveiled, identified and explained.

Keywords: Discourse; Media; Alterity; Border.

INTRODUÇÃO

Desde o início dos tempos, a humanidade caminha em busca de novos habitats, ao longo da história. Nos últimos anos, a temática imigração vem sendo bastante discutida nos estudos humanísticos, de forma inquestionável. No Brasil, a história dos povos originários irá remeter a deslocamentos e mesmo ao nomadismo das povoações humanas, contudo, com maiores registros “oficiais”, desde a chegada dos primeiros portugueses no século XVI com as naus aportando no litoral. E, posteriormente, com todos os outros povos que migraram para a região, na disputa de território entre holandeses e franceses, por exemplo, ou ainda, o desbaratamento de povos de diversas partes da África, no processo de diáspora africana, alcançando japoneses, alemães, italianos e demais nacionalidades que se deslocaram para o território brasileiro, notadamente no século XX.

Não obstante, nas contribuições teórico-acadêmicas as migrações são estudadas na dualidade liberal *versus* soberanista (GOMES, 2005), na qual existe tendência a agrupar as análises ou medindo impacto das decisões políticas sobre fluxos migratórios, amparados por regulação do próprio mercado e política estatal, ou por uma posição soberana do Estado, com autonomia e controle da entrada e da saída em seus territórios. Assim sendo, as relações humanas estão em constantes mudanças, em que se edificam muros ou pontes entre nações em que seja necessário, ver sob outras óticas os detalhes em que os grupos populacionais estão envolvidos no intrincado jogo de fronteiras e territórios, e que são registrados no discurso midiático.

Em dias atuais, os principais contingentes humanos que atravessam o País, via fronteiras do Norte e da Amazônia, que chegam às ruas de Porto Velho (RO), são os haitianos e os venezuelanos, que por sua vez, são vistos nas avenidas da capital rondoniense com cartazes solicitando trabalho, alimentos, roupas e outros itens de manutenção básica de suas famílias. É interessante mencionar sobre o direito de ir e vir, resguardado pela própria Declaração Universal de Direitos Humanos, assinada por países que fazem parte da ONU (Organização das Nações

Unidas), a partir do final da Segunda Guerra Mundial, bem como os países que possuem legislação própria em relação à migração, ao acesso e à permanência em seus espaços geográficos.

No caso do presente estudo, o objetivo não é analisar as políticas migratórias, mercado econômico regulatório e nem mesmo o controle estatal de fronteira em si. O objetivo é o de identificar discursos e elementos contraditórios apresentados aos leitores de uma chamada virtual para acesso à matéria jornalística completa. Ao analisar discursos pretende-se verificar falas e nuances que compõem o atual cenário regional de integração de culturas entre os brasileiros e os novos moradores que ainda estão em fase de organização, passagem, adaptação, mudanças e planejamento futuro de vidas. Desta forma, o recorte foi feito a partir de uma chamada televisiva publicada no final do mês de agosto de 2019 pela Rede Amazônica, edificada em Manaus (AM), noticiada por mídia social e virtual para o canal local da Rede Globo ao programa jornalístico “Jornal do Amazonas 1ª Edição”, e notícia em formato de texto escrito veiculada no Portal G1 Amazonas.

1 O DISCURSO

O discurso tem uma materialidade e uma carga intencional dentro das palavras escolhidas para proclamá-lo. No caso da mídia, o gênero discursivo lembra a necessidade de transmitir a informação a um público mais amplo, o que não estaria dissociado da sociedade a que se subordina. Tal qual o sistema capitalista, há um dono, há uma direção a ser seguida pelo produto matéria jornalística antes de ser “vendida” ao expectador (de um jornal impresso, de uma mídia online, de televisão, de rádio ou outro veículo de comunicação), que de alguma forma decidirá o que vai comprar e como vai consumir aquele novo dado.

Ao explicar como se processa social e historicamente o discurso, pode-se ver em Gregolin (2000) que toda a língua comporta uma materialidade do processo comunicativo, e assim, a exemplo disso, o texto online de uma empresa de jornalismo integra um gênero discursivo em que a língua em uso traz representação da história narrada pelas mídias, visto que, escolhem-se jogo de palavras que irão levar ao conhecimento do público tal informação, projetando possíveis ângulos pelas quais poderão ser alcançadas/traduzidas os noticiários.

A primeira imagem que compõe esta análise foi retirada de uma das mídias sociais da Rede Amazônica, sediada em Manaus (AM), via mídia social, oficial da emissora. A Rede Amazônica é retransmissora regional da Rede Globo nacional e tem sede no Estado do Amazonas, mas também é responsável por um total de cinco estados, com as seguintes denominações: Porto Velho (TV Rondônia), Manaus (TV Amazonas), Boa Vista (TV Roraima), Macapá (TV Amapá) e Rio Branco (TV Acre). Com data de lançamento registrada em 1 de setembro de 1972, conforme a mídia social, disponível no Grupo Rede Amazônica (2018): “A Rede Amazônia Manaus foi a primeira geradora em cores, no Brasil”. No que diz respeito a região de Rondônia, pioneiríssima na rede, em Grupo Rede Amazônica (2018), verifica-se que “A retransmissora de Guajará-Mirim, em Rondônia, foi a primeira a ser implantada na Amazônia e a primeira do Brasil em transmissão não simultânea (as fitas eram levadas pelos meios de transporte mais diversos)”.

A publicação midiática social na página *Facebook @RedeAmazonica*, data de 28/08/2019, corresponde a uma chamada para o programa jornalístico que seria transmitido no segundo jornal do dia, veiculado na TV Amazonas, denominado *Jornal do Amazonas 1ª Edição*, contudo essa matéria em vídeo não fez parte deste estudo. Assim, complementarmente ao Facebook da Rede Amazônica, foi analisada ainda a notícia publicada no Portal G1 Amazonas, com data em 27/08/2019, que fica disponível em ambiente online.

Intitulado “Venezuelanos são retirados da Rodoviária de Manaus; estrutura de albergue será construída na área”, a matéria foi veiculada no portal G1 Amazonas no dia 27 de agosto de 2019, às 22h14. Já o subtítulo utilizado na matéria foi assim postado: “Ação teve início nesta terça-feira (27) e faz parte da Operação Acolhida”. Na publicação do Facebook oficial da Rede Amazônica, com a chamada “Operação Acolhida” o texto da sequência informava “Retirada de migrantes Venezuelanos do entornos (sic) da Rodoviária #JAM1”.

Na foto, que acompanha a publicação do Facebook, a apresentadora do Jornal da Amazônia, primeira edição, conversa com o repórter que se encontra na região da rodoviária de Manaus, por meio da transmissão de imagem de vídeo. A “Operação Acolhida” foi notícia naquele momento tratando da questão de imigração. No caso, eram dados como imigrantes “venezuelanos” os que estavam com “moradias” próximas da rodoviária da cidade de Manaus: “Parte das barracas instaladas no entorno da Rodoviária de Manaus, onde viviam centenas de

venezuelanos, foram retiradas nesta terça-feira (27)”, conforme G1 AM (2019). Desta forma, rotularam que todos que residiam naquela área se tratavam, uniformemente, de imigrantes venezuelanos. Essa chamada ainda apresenta um contraditório, ao dar destaque a uma operação militar/governamental com nome de “acolhida” e ao mesmo tempo de “retirada¹”.

Desta maneira, observa-se o discurso que rotula a partir da aparência das pessoas como partes integrantes de um todo, que contém desde o seu significado básico uma dualidade num meio de comunicação de massa, atuantes, em disputa no jogo capitalista de conquista de clientes e venda de produtos. Nota-se, com isso, o tratamento dual para questões fronteiriças, enquanto fatos correlatos e similares (acolhida *versus* retirada) no meio de comunicação que trabalha uma ideologia inserindo sentidos, anteriormente construídos em já-ditos.

Junto à dualidade de ambas as palavras, acolhida *versus* retirada, há ainda uma junção com o termo “ordenamento”: “O ordenamento dos venezuelanos faz parte da Operação Acolhida, coordenada em Manaus pelo Exército Brasileiro” (G1 AM, 2019). Como se observa, é um verbete da classe dos substantivos masculinos que vem acompanhado dos sentidos de ordenação ou do ato ou efeito de ordenar (-se), estando em relação direta com disposição, arranjo, arrumação, composição, distribuição, esquema, entre outras variações. Essa palavra que repercute, em outras passagens do texto jornalístico, como se fosse uma palavra corriqueira e não um jargão dos órgãos de segurança pública: “O coronel afirmou que o ordenamento dos venezuelanos será finalizado na sexta-feira (30), data em que as novas instalações serão entregues” (G1 AM, 2019).

O “ordenamento” seria não apenas a organização das pessoas em novo espaço de “moradia”, mas haveria separação entre homens e mulheres, com direito às famílias de permanecerem juntas. A Operação Acolhida foi realizada, segundo a notícia do G1, pelas Forças Armadas do Brasil, Prefeitura de Manaus, Organização Internacional de Migração (OIM), Unicef

¹ Conforme o Dicionário Google (2019), “retirar” é um verbo transitivo direto que significa “deslocar, remover para trás ou para si; retrain, recolher, afastar” ou “fazer sair ou sair de (lugar onde estava); pôr(-se) para fora de (determinado lugar)”. Para “acolher”, o Dicionário Google (2019) mostra que é um verbo transitivo direto e pronominal que significa “oferecer ou obter refúgio, proteção ou conforto físico; abrigar(-se), amparar(-se)” ou “dar ou receber hospitalidade; hospedar(-se), alajar(-se)”.

e Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR). O que se levanta questionamento é o quanto estão relacionadas pacificamente as palavras “acolhida”, “retirada” e “ordenamento”?

Cabe observar outro ponto de contradição no texto que diz respeito ao imigrante, visto enquanto Outro, não pertencente à irmandade, à nação, aos cidadãos brasileiros, porque ele é o desconhecido, o que chegou agora no novo território e que mora ocupando espaço junto à rodoviária, em meio de uma organização urbana de ônibus, carros, pedestres, comércios e moradias. Na transcrição da fala do coordenador da operação, o coronel Ademar Neto, o “ele” é a principal referência:

ele [venezuelano] entrega o material dele aqui de manhã e vai para a rua. Vai procurar trabalho, mas ele não fica aqui. À noite, ele vem para tomar banho, fazer tudo que tem que fazer. Vamos fornecer a eles Carteira de Trabalho, Carteira de Identidade e CPF (...) [Para] os filhos mais pequenos, nós vamos montar uma creche aqui. Os pais deixam na creche, que abre às 8h, e vão pegar às 17h. (G1 AM, 2019)

O “ele”, terceira pessoa do singular, é um sujeito determinado pelo contexto dado pela matéria (de retirada de imigrantes venezuelanos), mas indeterminado porque na verdade não se procurou conhecer de fato; é uma pessoa (adulta ou criança, jovem ou idoso) da qual se fala para dar instruções, porém não se refere a “ele” como um humano com direitos e deveres igualitários àqueles que possuem os brasileiros, porque é um “ele”, um “outro”. Na contradição do discurso, o “venezuelano” está sendo recebido e acolhido, sendo assim, o suficiente para que exerça a cidadania migrante que lhe é possível.

2 APORTE TEÓRICO

Elegeu-se a Análise de Discurso, de linha francesa, como metodologia de análise, tendo como referencial Gregolin (2000) que apresenta um estudo da mídia enquanto discurso e materialidade ideológica. Essa materialidade resulta num direcionamento de leitura para o discurso dado.



A interpretação do sentido tem uma direção, tem um trajeto de leitura que é determinado pela articulação de discursos dentro de um mesmo campo discursivo: diálogos, polêmicas, deslocamentos – são esses relacionamentos fundamentais que erigem uma direção de leitura. (GREGOLIN, 2000, p. 20)

Como se trata de um discurso midiático, jogos diferentes estão em relação direta com esses sentidos e com a notícia levada ao público, conseqüentemente, ao ver/ler/ouvir/receber determinadas notícias, o receptor participa, mentalmente, daquela informação, recepcionando o acontecimento histórico imaginariamente como participante ativo. “Os gestos de interpretação fazem derivar do passado a interpretação contemporânea. O leitor da mídia é interpelado a interpretar a História como se ele estivesse acontecendo diante do seu olhar” (GREGOLIN, 2000, p. 25).

O amazonense (ou leitores de outras regiões) que recebeu a informação, era como se dela fosse integrante (incluindo-se ou excluindo-se) do momento histórico e atual de sua cidade, porém, de fato, ele não é partícipe, visto que, de longe, recebe a informação em meio há outras dezenas de informações, escutando/lendo de forma atenta ou em meio a outros afazeres do momento. Há, apenas, uma configuração ilusória para tal acontecimento, nisso, Gregolin (2000, p. 27) assevera que um “[...] procedimento de composição revela que o enunciador dirige-se a um enunciatário colocado em posição de escolha e, portanto, competente para a interpretação das intenções do discurso”.

O internauta/espectador estaria interpretando todo o acontecimento, entretanto, com o discurso já contendo “pistas” de quais direções de leitura deve seguir, sendo que é interpelado pelo discurso. Outro ponto que merece atenção seria pensar em estudos de recepção conclusiva do que a sociedade receptora das informações faz diante de todo esse arsenal de notícias diárias. Logicamente, constrói-se dentre os sujeitos ideologias, não totalmente organizadas e sabidas antecipadamente.

Como se trata de filigranas a serem encontradas no discurso, a autora (GREGOLIN, 2000) exemplifica em seu texto original com uma capa do jornal Folha de São Paulo de 05/07/99. Há mais de 20 anos, o periódico publicou uma manchete que estava relacionada à Rússia. O jornal impresso portava em sua capa um “veterano do exército russo” comendo distraidamente um

sanduíche. Aos olhos de quem possui acesso cotidiano ao referido item alimentar seria algo natural. Não fosse um sanduíche oferecido pelo McDonald's de São Petersburgo na data em que se comemorava a vitória soviética na Segunda Guerra Mundial, alusivo ao 9 de maio desta data histórica.

A imagem que faz parte do livro de Gregolin (2000) é analisada em seus pormenores, desde a asa imaginária de um anjo na representação de um “M” da loja McDonald's que figura bem atrás do veterano fotografado, o fato dele se alimentar exatamente de um produto capitalista com a sua mão esquerda segurando o item alimentar (sanduíche do McDonald's), ao oficial que está em posição de sentido junto a uma das pontas do “M” em segundo plano, enfim, um discurso compondo uma fotografia aparentemente despreziosa do fato simples de levar informação ao público. Ou ainda, nas palavras de (GREGOLIN, 2000, p. 29): “[...] o sentido, no jornal, constitui-se como diálogo de três dimensões: o sujeito da escrita, o destinatário e os textos exteriores”.

A correlação que se faz do sujeito que edita o jornal, que escolhe determinadas palavras ou imagens para levar ao público, que faz parte de determinada equipe de empresa específica de jornalismo, ao seu público e aos já-ditos e aos interdiscursos que estão intercambiando relações, há um novo acontecimento histórico ocorrendo de forma paralela à divulgação do fato jornalístico.

3 ANÁLISES E RESULTADOS

A matéria do Portal G1 Amazonas de 27 de setembro de 2019 explica que eram quinhentos e trinta e seis (536) venezuelanos vivendo nas proximidades do Terminal Rodoviário de Manaus (AM), transferindo, assim, para a responsabilidade da Secretaria de Estado de Justiça, Cidadania e Direitos Humanos (Sejusc). O novo local da acolhida seria a Arena Poliesportiva Amadeu Teixeira.

A mensagem contraditória do interdiscurso, presente nas palavras principais da notícia (Acolhida, Retirada e Ordenamento), remete a sentidos em disputa que se tem para a questão dos imigrantes que chegam às fronteiras brasileiras, no caso, diz respeito à região urbana da cidade

de Manaus. Desta forma, para comparar essa contradição social do discurso é possível recorrer aos comentários dos leitores do site. Com quinze reações positivas (simbolizado por curtidas no comentário), uma das falas se preocupa com a “vida” dos que estão sendo acolhidos (“dessas pessoas”), porém, com os “prejuízos” para motoristas e pedestres: “Estão doidos é?? Construir aí onde existem vários entroncamentos, curvas, retornos do viaduto, isso é colocar em riscos a vidas dessas pessoas e prejudicar os motoristas e pedestres que anda nestes espaços” (G1 AM, 2019).

O sentido de afastamento em relação ao outro também fica realçado quando se trata de comentários de internautas: “Tantas terras públicas que existem próximo a barreira da Polícia Rodoviária, porque não acomodam esse povo por lá?” (G1 AM, 2019). O erro de digitação já foi dado em Análise de Discurso enquanto intencionalidade (ORLANDI, 2012). Assim, o “esse” grafado com um -s a mais do que rege a gramática portuguesa, também significa. Esse comentário recebeu dez curtidas positivas e uma negativa. E ao comentar, o internauta se “dis-trai”, como afirma Orlandi, que complementa em seguida: “em que inconsciente e ideologia se manifestam falando naquilo que ele fala/falha” (ORLANDI, 2012, p. 82). O “essse” é, assim, uma falha que tem materialidade ao reunir o efeito da digitação rápida, a urgência, a exaltação do momento, o inconsciente e a ideologias.

A opacidade do discurso constrói memórias e mitos que para a atualidade tem trazido danos à imagem do sujeito em processo migratório. Por meio da teoria de Análise de Discurso, de linha francesa, a intenção foi de compreender a “incompletude do sujeito” ao mesmo tempo em que há “completude em relação ao outro”. Entre as filigranas analisadas na composição do discurso, há brechas para que a alteridade seja rejeitada. Diante da ocorrência observada, há um mal-estar social que precisa ser desvelado, identificado e explicitado.

Tal qual nos comentários, também, o texto de uma mídia em plataforma tecnológica/digital ou na analógica, estará sujeito a falhas, bem como a apresentar a materialidade de ligação histórica do discurso. “Como não se pode pensar o discurso sem o imaginário, sem a ideologia, aí está o sentido dessa equação ordem/materialidade/real: tudo sujeito à falha (língua), ao equívoco (linguístico-histórico)”, defende Orlandi (2012, p. 76). É nesta intrincada rede de relações que as ideologias estão em funcionamento.

Recorrendo às análises de migração já feitas, ao escrever sobre a preocupação do contingente de pessoas que se movimentariam para Porto Velho (RO), com a construção dos empreendimentos hidrelétricos ao longo do Rio Madeira, (AMARAL; SILVA; LEANDRO, 2011) destacam os desdobramentos que vinte mil novos moradores poderiam trazer à região, tendo em vista já não ser suficiente, na época, para a população local as políticas públicas ofertadas, no âmbito da educação, saúde, segurança e/ou transporte. O exemplo foi comparado em semelhança ao processo migratório de colonização para este pedaço de Amazônia, que culminou no inchaço de localidades ainda não estruturadas para atendimento adequado de necessidades dos novos cidadãos residentes, mesmo quando em períodos passageiros.

A preocupação com os imigrantes trabalhadores estava justamente na busca que tinham por melhores condições de vida, bem como retorno ao Estado de origem, todavia, “ao adentrarem no espaço rondoniense, na busca de trabalho e de outras oportunidades, se deparam com aviltantes salários” (AMARAL; SILVA; LEANDRO, 2011, p. 32). Desse modo, não só a remuneração não será a adequada, ou a inferida antes do deslocamento para um novo ponto em território brasileiro, mas haveria um contexto de tensão entre empreendedores públicos e privados e os segmentos da sociedade, dentre eles, ribeirinhos, indígenas, pescadores e representações sociais.

Segundo Amaral; Silva e Leandro (2011), para a sociedade, resultam os impactos sociais, podendo haver o aprofundamento de exclusão social ou mesmo o estabelecimento de novas relações urbanas, econômicas, políticas, ambientais etc.

Figura-se um cenário em que a maioria dos novos migrantes – aqueles sem poder econômico, principalmente – a exemplo do ocorrido com os garimpeiros da década de 1980, não obtiveram riquezas, mas contribuíram para que uns poucos amealhassem enormes lucros e se retirassem de Porto Velho. A cidade ficou com os despossuídos que, não possuindo as condições socioeconômicas necessárias, se embrenharam na periferia da cidade, num quadro desfavorável de marginalização social. (AMARAL; SILVA; LEANDRO, 2011, p. 33)

Como se pode observar, as contradições possuem fundo histórico, remetem a outros discursos criando interdiscursividades, no fato dos imigrantes terem adentrado ao País com condições econômicas desfavoráveis, pelo momento de crise, no cenário internacional e por questões internas da atualidade venezuelana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A busca deste artigo foi a de identificar discursos e elementos contraditórios de uma chamada social-virtual a uma matéria jornalística completa, veiculada pela retransmissora da Rede Globo em Manaus (AM) e também pautada no Portal G1 Amazonas. Verificou-se que os textos online de uma empresa de jornalismo integram um formato de gênero discursivo, e como tal, apresentam a língua em uso, fazendo a representação da história narrada pelas mídias, uma vez que toda a língua comporta uma materialidade do processo comunicativo. Dentro da filigrana estudada, o discurso apresentou brechas para que a alteridade seja rejeitada. E diante de um mal-estar social gerado e propagado, apresentado por meio das falhas e fendas do discurso, é necessário que seja desvelado, identificado e explicitado.

No caso analisado, há o tratamento de dualidades para questões fronteiriças, enquanto fatos correlatos e similares (acolhida - retirada - ordenamento). Assim sendo, o meio de comunicação resulta numa ideologia como algo naturalizado, inserindo sentidos anteriormente construídos, em já-ditos e outras remissões interdiscursivas para contingentes populacionais que buscam o País para sobrevivência.

A mensagem contraditória do interdiscurso, presente nas palavras acolhimento, retirada e ordenamento, remete a sentidos em disputa que se tem para a questão dos imigrantes latinos ou centro-americanos (ou outros países não desenvolvidos e não ricos), em um discurso não transparente. Essa opacidade é cheia de memórias, estereótipos e mitos. Fatos que na atualidade corroboram para a construção de imagem negativa do sujeito em processo migratório, uma vez que, há “incompletude do sujeito” ao mesmo tempo em que há “completude em relação ao outro”. Destarte, é necessário colocar-se no lugar do outro se quiser compreender a alteridade.

REFERÊNCIAS

AMARAL, José Januário Oliveira; SILVA, Adnilson de Almeida; LEANDRO, Ederson Lauri. Migração e Colonização na Amazônia Brasileira – Notas para um debate. In: OLIVEIRA, Valéria; LEANDRO, Ederson Lauri; AMARAL, José Januário Oliveira. **Migração: Múltiplos olhares**. São Carlos: Pedro & João Editores/EDUFRO, 2011, p. 13-35.



DICIONÁRIO GOOGLE. Acolher. Disponível em <https://bit.ly/2Vl6JqK> Acesso em 05.out.2019.

_____. Retirar. Disponível em <https://bit.ly/2oSkaIO> Acesso em 05.out.2019.

G1 AM. **Venezuelanos são retirados da Rodoviária de Manaus:** estrutura de albergue será construída na área. Disponível em <https://glo.bo/30LaoPr> Acesso em 05.out.2019.

GOMES, Charles P. Os estudos de imigração: sobre algumas implicações políticas do método. In: NETO, Helion Póvoa; FERREIRA, Aldemir Pacelli (orgs.). **Cruzando fronteiras disciplinares:** um panorama dos estudos migratórios. Rio de Janeiro: Revan, 2005, p. 275-296.

GREGOLIN, Maria do Rosario Valencise. Recitações de mitos: a História na lente da mídia. In GREGOLIN, Maria do Rosario V. (Org). **Filigranas do discurso:** as vozes da história. Araraquara: Laboratório Editorial/UNESP/Cultura Acadêmica, 2000, p. 19-34.

GRUPO REDE AMAZÔNICA. Facebook Rede Amazônica 24 Jan 2018. Disponível em: https://www.facebook.com/pg/RedeAmazonica/about/?ref=page_internal Acesso em 30. nov.2019.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Quando a falha fala: materialidade, sujeito, sentido. In ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso em Análise:** Sujeito, sentido e ideologia. 2 ed. Campinas: Pontes, 2012, p. 69-82.